

O COMUNISTA



ORGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Numero avulso 20 centavos
Publicação quinzenal
PROPRIEDADE DO
GRUPO EDITOR DO COMUNISTA



Redactor principal: J. CARLOS RATES

EDITOR: JOAQUIM RODRIGUES

Redacção e Administração
Rua de Arco do Marquês de Alegrete, 30, 2.

Composição e Impressão
TRAVESSA DA AGUA DE FLOR, 35 - LISBOA

Programa municipal

(Teve para a Conferencia Regional a realizar em Junho)

Se, em referencia ao corpo legislativo, o Partido Comunista Portuguez aceita a luta parlamentar para desmascarar e combater a politica de classe da burguezia,

a sua attitudem em referencia a açõ municipal não deve esquecer estes mesmos objectivos: — agitar, mobilizar as massas, patentear-lhes que dentro do regime burguez e com instituições burguezas só são accitáveis e exequíveis as reformas que não afectem fundamentalmente os privilegios da burguezia.

O Partido Comunista, porém, não pretende apenas destruir o regime burguez. Quer e pretende reorganizar a sociedade de alto a baixo e precisamente aspira a interessar o maior numero de individuos na administração local.

A administração local constitue hoje, por assim dizer, um exclusivo de certas classes mas, principalmente, da de comercio. Ora pretendendo alargar-se as attribuições dos organismos locais, indo até a regularização do abastecimento e do alojamento, não faz sentido que as corporações locais sejam compostas de individuos cujos interesses se opõem terminantemente ao exercicio dessas attribuições.

Por isso, como reivindicção fundamental e prévia do nosso programa municipal, temos de inserir o seguinte:

— Incompatibilidade do exercicio do comercio, da industria e da exploração da propriedade urbana com as funções da administração local.

O programa que a seguir desenvolvemos visa particularmente os concelhos e distritos de Lisboa, Porto e Beja, onde o P. C. pretende concentrar os seus esforços, organizando listas do Bloco operario e campones.

Juntas de freguezias

Areas

A divisão por freguezias em cidades como Lisboa e Porto não obedece a nenhum principio racional, nem se conhece perfeitamente os seus limites que em vão se procura averiguar nas repartições competentes. Não se sabe que motivos indicam a manutenção duma tal divisão atabalhoada.

Deste estado de coisas resulta que freguezias ha que não podem jamais exercer qualquer accção proficua no campo da sua actividade.

Eis um quadro que mostra a disparidade quanto a população das freguezias de Lisboa:

Freguezias	População
Santa Isabel.....	43.233 hab.
Conceição Nova.....	2.092 »
S. Sebast. de Pedreira.....	36.875 »
Madalena.....	1.609 »
Anjos.....	31.311 »
Charcos.....	1.291 »
Alenquer.....	27.490 »
Amalcozra.....	495 »

A freguezia de Santa Isabel tem 100 vezes mais habitantes que a freguezia de Amalcozra. No Porto verificam-se a mesma disparidade. Ao lado da freguezia de Oedofeita com 59.232 habitantes ha a de Aldoar com 1.299. Tudo entre nós está feito ao acaso

O MOVIMENTO DAS DIREITAS

Livrou-se de boa e operariado portuguez. Se o movimento insurreccional que explodiu na madrugada de 18 do corrente tem vingado, não tenhamos ilusões, teriamos o predomínio da U. I. E. e de todas as forças reaccionarias, isto é, teriamos uma reedição do sidonismo que acabaria, de certo, por um regresso ás formulas monarchicas.

A crise nacional — corollario das crises politica, financeira, economica e moral — não comporta soluções intermedias. Ou direitas ou esquerdas. O que é a situação Vitorino Guimarães? Uma situação anodina e incolar. Ora se a politica republicana for conduzida no sentido de congruamento de todas as classes, não satisfazendo nenhuma, ela acabará por collocar-se contra si.

O movimento das direitas, agora jugulado, tinha por seu lado e logicos. Era uma situação que tenderia a definir-se, aglutinando todas as suas forças do capitalismo e da reacção poli-

tica. O ambiente para açõs desta natureza subsistirá com situações anodinas como a de Vitorino Guimarães ou com situações de esquerdistas como a de José Dominguez dos Santos. Simplemente, uma situação esquerdista, definitivamente esquerdista, terá a vantagem de contar com a simpatia do operariado e das camadas populares. E foi a hostilidade do operariado e das camadas populares, claramente marcada pelas manifestações de todos os agrupamentos de base proletarianas, o P. C., o P. S., os partidarios da I. S. V. que abateu moralmente os homens concentrados no Parque Eduardo VII, tirando-lhes a coragem para poderem vencer.

Militarmente, a vitória do governo deve-se á decisão e ao acerto das medidas tomadas pelo comandante da divisão, general Adriano de Sá. Mas seria possível esta attitudem sem o favor da opinião publica, sem as manifestações do operariado?

Objectivos

Que funções desempenham hoje as Juntas de Freguezia? Limitam-se a passar atestados de varia ordem, de residencia, de pobreza, e algumas praticam um pouco de beneficencia publica. Tudo isto.

O P. C. reclama um alargamento das funções das Juntas de Freguezia, uma larga e efectiva participação das camadas populares, dos sem-partido, na administração da coisa publica. Os balços administrativos devem desaparecer e os seus serviços serem descentralizados e atribuidos ás Juntas de Freguezia, outro tanto devendo acontecer em referencia a certos serviços do Estado.

As Juntas de Freguezia deveriam compôr-se dos seguintes pelouros: Segurança e actos da vida civil; Instrução e assistencia escolar; Seguro social, saúde e higiene; Abastecimento e alojamento; Obras, jardins, arvores.

A cada um destes pelouros incumbiria naturalmente:

Segurança e actos da vida civil
Policia administrativa e de seguranças. — Voluntariado dos incendios. — Registo civil. — Reconhecimento eleitoral. — Estatística do censo da população, da produção e do consumo. — Curadoria popular. — Administração da justiça nos casos de pequeno delicto.

Instrução e assistencia escolar
Promoção do melhor alojamento das escolas. — Fornecedor de creanças de alimentação, vestuario, calçado e material escolar. — Organização de auxilios médicos e farmaceuticos á população escolar. — Desenvolvimento do ensino profissional, desportivo e artistico (musica, canto coral, declamação). — Organização de cursos nocturnos para adultos e bibliotecas.

Seguro social, saúde e higiene
Criação e manutenção de maternidades, creches, lactarios e internatos para a primeira infancia (orphanos, abandonados ou indigentes, até aos 4 annos). — Construção de fontanarios, balnearios, lavadouros, sentinas e mictorios. — Organização de consultas medicas e pontos de socorro cirurgico. — Regularização do seguro no domicilio para a doença e invalidez. — Super-

A tentativa gorada de 18 do corrente proporcionou ás diversas correntes do proletariado uma aproximação e um trabalho de conjunto que poderiam e deveriam proseguir. Infelizmente não succederá assim. A C. G. T., vacillante sempre, e dominada pela sua eterna politica do indecisões, não julga vantajosa a conjunção de todos os esforços que tenderia a isto: — evitar todos os desvios da politica burguesa para a direita. Pode bem dizer-se que a C. G. T. inutilizou com o seu gesto o resultado a colher da derrota infligida ás direitas, para a qual sem sombra de contestação, bastante contribuímos, agitando a rua.

Não chegou ainda a hora do triunfo definitivo do proletariado mas é preciso ser-se ceigo ou bronco para não ver e sentir que ele pode constituir desde já uma força poderosa e influente nos destinos do país. Entretanto ha quem não veja isto.

tendencia nos serviços de limpeza e rega.

Abastecimento e alojamento.

Construção de mercados para peixes e legumes. — Instituto de restaurantes economicos. — Organização de cooperativas de consumo e de construção urbana.

Obras, jardins e arvores

Reparação e conservação dos pavimentos. — Construção e conservação de jardins e parques. — Desenvolvimento e conservação dos arvores de ruas e praças.

Para assegurar o activar os serviços dos diversos pelouros constituir-se-iam gremios de homens de boa vontade que, presididos pelo vereador do respectivo pelouro, resolveriam sobre todos os assuntos de cada ramo da administração.

Camaras Municipais

Areas

Quadro indicativo das novas e antigas concelhias do distrito de Beja

Numero	Concelhias	População parcial	População total
1	Beja *	30.608	30.608
2	Almodovar *	11.750	33.026
3	Castro Verde *	9.641	
4	Ourique *	11.635	
5	Alvito *	2.978	
6	Cuba *	7.255	
7	Vidigueira *	8.488	
8	Aljustrel *	12.390	19.731
9	Ferreira *	10.119	
10	Mértola *	20.026	29.509
11	Barrancos *	3.000	30.536
12	Vouz *	21.403	
13	Odemira *	27.504	24.403
14	Serpa *	23.318	27.504
			22.318

Os concelhios que levam o sinal * darian o nome aos novos concelhios que ficariam constituídos pelos concelhios fechados em cada quadrado.

As anomalias que se notam na divisão por freguezias em cidades como Lisboa e Porto, repetem-se quanto á criação dos concelhios.

Ha concelhios com mais de 80 freguezias, Barcelos, por exemplo; outros ha com uma freguezia apenas, Espinho e Barrancos. No mesmo distrito encontramos um concelho com 3.000 habitantes, Barrancos, e logo outro com 30.608, Beja.

O GOVERNO SOVIETICO priva a nobreza do usufruto das terras

A presidencia do Comité Central Executivo da União das Republicas Sovieticas Russas reafirmou um projecto de lei privando os ex-proprietarios, pertencentes á antiga nobreza, do direito de usufruto das suas terras e de morar nas propriedades que lhes pertenciam antes da nacionalização das terras em 1917.

Ha na União Sovietica 5.120 ex-proprietarios que continuam a residir nas suas antigas propriedades com uma superficie total de 70.000 hectares.

O resultado é que ha Camaras Municipais que não tem condições de vida independente, que se debatem em perpetua crise financeira, sem possibilidades de exercer qualquer beneficio visível nos serviços publicos.

Impõe-se, pois, um arranjo da divisão concelhial de modo a constituir municipios fortes com possibilidades de vida autonoma.

Damos o exemplo d'esse arranjo num distrito, o de Beja, reduzindo os seus 14 concelhios a 8 apenas.

Objectivos

A's Camaras Municipais competiria: Fixação de impostos. — Regularização dos serviços de viação urbana, abastecimento de agua, luz e força motriz. — Organização do seguro social na segunda infancia (internamentos de orfanos, abandonados e indigentes, dos 4 aos 15 annos). — Hospitalização, medicina e cirurgia geral (administrativa e função social). — Serviço municipal de incendios. — Plano da cidade, abertura de ruas e praças, construção dos pavimentos e estradas suburbanas, matadouros e cemiterios. — Escolas industriais, comerciais e agricolas.

O P. C. reclama para as Camaras Municipais o direito de procederem ás expropriações por utilidade publica e o de legislar em materia de construção urbana.

O P. C. em materia de finanças municipais preconiza o alivio dos impostos que incidem sobre as pequenas empresas da industria, do comercio e da agricultura, fazendo recair os encargos fiscaes nas grandes empresas, nas heranças e manifestações de riqueza adquirida, etc.

Enfim, a politica do P. C. nas eleições administrativas é tendente a que os operarios entrem nos municipios para iniciar o rompimento entre a administração local e o poder burguez, para começar a edificar localmente as bases da organização sovietica.

Juntas Gerais de Distrito

Constituição

As Juntas Gerais de Distrito deveriam compôr-se duma Comissão Executiva, eleita por sufrago directo, e dum Senado composto de delegados dos municipios concelhios e das corporações technicas, scientificas e artisticas.

Objectivos

A's Juntas Gerais competiria: Fixação dos impostos de transito e construção de estradas e pontes. — Serviços de hospitalização especial (alienados, anormais, etc.). — Seguro social extra-domicilio (internatos para invalidos por velhices ou doença). — Museus, monumentos, educação de Bolas Artias, Universidades Populares. — Elaboração de planos de fomento regional.

Não alimentamos a ilusão de ter dito a ultima palavra em materia tão complexa como é o Programa Municipal e esperamos por isso que os camaradas mais estudiosos nos enviem as suas sugestões para melhorarmos a nossa tarefa.

O Ha...ter, J. Carlos Rates.



Questões de Organização

Depois do fracasso da revolução alemã em 1923, a Internacional tem-se preocupado muito com a organização das seções nacionais por células de fábrica e oficinas.

De facto, porque fracassou a revolução que toda a gente julgava inevitável na Alemanha, no outono de 1923?

A razão fundamental foi esta: o Partido Alemão, aliás um valente Partido, considerado o 2.º da Internacional, depois do russo, contou demasiadamente com as suas forças. Considerando a Revolução obra de Partido e não de todo o proletariado alemão, a valente acção alemã viu-se no momento da acção a braços com a indiferença da maioria do proletariado social-democrata ou sem partido. O partido alemão, apesar de contar nessa altura mais de 500.000 aderentes, teve então ocasião de verificar que não era ainda um partido de massas, um partido capaz de arrastar para a Revolução a grande maioria dos operários e camponeses. Desde então, o Executivo da Internacional tem introduzido em todas as seções o princípio da organização por células de empresa.

Convém lembrar que o partido bolchevique esteve sempre organizado por células de fábrica e esse é talvez o segredo do seu triunfo.

Esta questão tem para o Partido Português uma importância fundamental.

Ter boas fracções nos sindicatos é excelente, mas não basta.

Onde o militante comunista está diariamente em contacto com os camaradas sem partido ou de tendência diferente, é na fábrica, na oficina, no armazém, na repartição, etc. É aí, pois, que deve exercer a sua acção. Há muitos operários anarco-sindicalistas ou sem partido, que, apesar de pensarem como revolucionários e de desejarem ardentemente a Revolução Proletária, ardam os ouvidos com algodão mal lhes falam em política e em partidos. Envenenados pela leitura das mentirozas sobre a Revolução Russa que diariamente lhe são servidas pela imprensa burguesa e (o que é mais triste) pelo único quotidiano operário, eles fazem do regime soviético e dos partidos comunistas uma ideia errada, que de modo algum pode ser modificada, se não houver na oficina um ou mais camaradas que diariamente vão pondo as coisas nas devidas termos.

Doutra forma, esses operários serão insensíveis à agitação comunista.

A imprensa do Partido? Se ela se vende apenas nos quiosques ele não a lê, nem sequer lhe sabe da existência. A célula de oficina, fazendo a sua distribuição durante o trabalho, remedia esse inconveniente.

Sessões, conferências, comícios de propaganda? Deixemo-nos de ilusões. Essas coisas são sempre frequentadas pelos mesmos anarquistas, socialistas, comunistas e sindicalistas, uns razões que já estão fartos de se conhecer uns aos outros, que se despedem sempre até à primeira, e que saem de lá com as mesmas ideias com que para lá foram.

Conferências, comícios, sessões de propaganda? Quem lá pode levar o operário até ao indiferente, é a célula de empresa. E em tudo o mais, nas greves, nas manifestações, a célula de fábrica é o instrumento que dá ao Partido Comunista a direcção real dos grandes movimentos de massas. A célula de fábrica é, além disso, uma bela escola de militantes. A tarefa diária de propaganda no local de trabalho, dá ao operário comunista qualidades de propagandista, obrigado por vezes a corrigir erros de doutrina que lhe passariam despercebidos, ou ele, depois de trabalhar todo o dia em silêncio, fosse à noite para o café discutir com os correligionários do costume.

A organização por células, tem também a vantagem de se poder adaptar instantaneamente à ilegalidade. E esta é uma grande vantagem.

No período revolucionário que atravessamos, temos que contar dum momento para o outro com a dissolução legal do Partido. Se ele estiver fortemente organizado em células de fábrica e oficinas, poder-nos-emos rifir da ordem de dissolução, e assim não ficaremos sob a ameaça de, no momento crítico, ficarmos sem contacto com as massas trabalhadoras.

Pode-se objectar que nem todos os camaradas trabalham em fábricas, oficinas, repartições ou armazéns comerciais.

Esses camaradas, isolados (intelectuais, criados, costureiras, domésticas,

UM PROBLEMA SERIO

O Povo e as revoluções

No nosso numero anterior, no artigo *O proximo congresso operario*, nós posemos uma serie de problemas que convinha, de facto, resolver e acentuados, sobretudo, que nem a moscovitaria nem a berlinista aproveitaria uma nova assembleia de discordar os como foram as de Coimbra e Covilhã.

Não somos ingenuos para supor que as nossas palavras possam modificar a indiferença de uns e a má vontade de outros. Quizemos marcar uma posição e uma directriz que possam servir oportunamente a definir responsabilidades.

Hoje voltamos ao assunto para completar as nossas impressões sobre o movimento sindical português que atravessa uma fase mercedora do mais atento estudo.

Impossibilidade imediata de fazer ressurgir o movimento sindical

A conclusão fundamental e primeira que tiramos desse estudo é que não existe ambiente para um ressurgimento do movimento sindical entre nós. Porquê? Porque os homens que dirigem esse movimento e as suas ideias filosoficas são as menos proprias para effectuar esse ressurgimento da vida sindical?

Tudo isto é provavelmente certo. Mas certo é tambem que, se os moscovitarios, por uma rapida mutação de cena, se encontrassem amanhã a digir a C. G. T., seriam impotentes para deter a queda catastrofica do movimento sindical português. E isto admitindo que os moscovitarios adquiriam uma qualidade que não possuem — a actividade, a sequencia de trabalho.

O certo é verificavel é que os effectivos sindicaes se reduzem sensivelmente, é que o movimento sindical se encontra desprestigiado e abalado e incapaz por isso de desenvolver acções de grande convergadura. As duas ultimas tentativas de greve geral em 1922 e 1923, por motivo do encaecimento do pão, provam isto mesmo. Podem notar-se deficiencias de organização e de direcção nestes dois movimentos mas isso não explica por si só o seu fracasso. É que se foi a confiança que existia em 1917, por exemplo, no poder de realização do movimento sindical. Essa confiança não a podem fazer renascer os moscovitarios com as suas ideias e o seu trabalho, sómente, mas é preciso que em seu reforço venham os acontecimentos.

E entretanto prova-se a necessidade e a utilidade do sindicato

Se queremos fazer um estudo consciencioso da situação e averiguar os motivos que impellem o operariado a desertar dos sindicatos, nos temos de ver primeiro se as suas condições de vida são hoje melhores do que eram ha dez anos, em 1915, período caracterizado por uma normal e regular ascensão do movimento operario, e se é essa melhoria de condições, criada pelo jogo natural das leis da oferta e da procura, que indica ao proletariado a inutilidade do sindicato.

O exame da situação mostra um resultado negativo. Os preços ofereceram-nos em relação a 1915 o indice 31, isto é, mostram que o que custava 10, então, custa hoje 310. Os salarios de algumas profissões — manufactureiros de calçado, alfaiates, graficos, certas categorias de metalurgicos, etc., aousam o mesmo paralelismo, isto é, aqueles profissionarios ganham hoje 31 vezes mais do que ganhavam em 1915. (Polo, etc.), podem muito bem ser agregados à célula mais proxima. Longe de prejudicarem o trabalho dessas células, elas podem servir de muito (distribuição de manifestos à porta da fabrica, agentes de ligação em caso de declaração de greves, etc.).

Resumindo: a organização do partido por células de empresa, oferece as seguintes vantagens:

Maior proletarianismo do partido; mais intimo contacto com as massas trabalhadoras; poder adaptar-se com facilidade à ilegalidade; formar de cada comunista um militante, com a condição das células serem activas, reunirem e discutirem os problemas postos pelo partido, todos os dias se possível for, mas pelo menos uma vez por semana, e tudo isto sem espalhafatos, sem bandeiras, nem pendões, sem discursos bonitos, mas com firmeza, lucidez e fé revolucionaria.

rém, é maior o numero das profissões em que esse paralelismo não foi atingido. Mas, se quisermos apenas ser rigorosos, temos de verificar que a situação dos profissionarios — melhor pago — os alfaiates, os graficos, etc., não é de modo algum invejavel. Os economistas burgueses, que estudaram a situação do operario português antes da guerra, são conformes em reconhecer na familia operaria portuguesa um deficit de alimentação de consequencias lamentavias. Assim, pelo menos que se tivesse mantido um paralelismo geral entre salarios e preços, o deficit de alimentação subsistia de facil verificado. Um salario bom de 24 escudos, dá o rendimento mensal de 624 escudos, contando 26 dias uteis. É verificadamente insufficiente para uma familia de 4 pessoas. Mas ha outras causas de desvalimento. As chamadas despesas de civilização aumentaram, aumentam sempre. Criam-se habitos novos que se convertem em necessidades correntes — o carro electrico, o cinema, o café, a cujo poder de atração operario não pôdeosquivar-se. E se todos estes factos podessam ser negados aí está patente a crise do trabalho, o desemprego, que atrita para a miseria centenas e centenas de familias operarias.

De tudo isto concluímos, com segurança, que o operariado não melhorou nos ultimos 10 anos as suas condições de vida e que o sindicato é, pelo menos teoricamente, util e necessario.

A descrença no sindicato, erro simplista das multidões

Mas, se assim é, porque o abandonam? Ha, em nossa opinião, dois motivos fundamentais:

1.º — É, como já disse, ter o fracasso dos ultimos movimentos radiado no espirito do proletariado a incapacidade de realização dos sindicatos.

2.º — É, consequentemente, ter-se imposto, não só à consciencia dum certo numero de militantes mas às grandes massas dos sem-partido, a necessidade da luta politica.

Encosamos de justificar o primeiro motivo invocando porque justificando o segundo implicitamente justificamos o primeiro. Queremos apenas consignar o erro simplista das multidões que se entusiasma e desesperam com a mesma facilidade. Considerar o sindicato um instrumento sem valor positivo é tilo erroneo como supor que ele é tudo e que fira dele não existe vida social. Tomar os seus fracassos e a sua impotencia de momento como sintomas da sua nulidade é proprio de espiritos muito superficiaes. Sem o sindicato, grande mobilizador de massas sem-partido, nenhuma possibilidade existe de revolução proletariana.

Precisamos de justificar o segundo motivo, isto é, que a uma parte dos militantes e às massas se impõe a necessidade da luta politica. Varios factos mais ou menos recentes provam este acerto.

A luta politica não dispensa a luta sindical

Vem em primeiro lugar a orientação de *A Batalha*. Se esta se empenha em campanhas politicas a sua tiragem sobe imediatamente; quando elle volta à monotonia do exclusivismo sindical a tiragem baixa logo. Quando no final do ano findo *A Batalha* fez a politica do governo José Domingues dos Santos, nós, embora considerando essa campanha errada e de conteúdo, sentiamos necessidade e utilidade em ler *A Batalha*. O que succedeo comecou a suceder com centenas de outras pessoas.

Mas ha outros indices da predisposição das massas para a luta politica. Não se pode negar, por exemplo, que a facção esquerdista com as suas promessas e actor governamental conseguiu galvanizar uma parte da opinião publica, sobretudo, o proletariado. As ultimas greves do funcionalismo publico e dos telegraphistas não conseguiram despertar interesse de maior, mas a manifestação de fevereiro de 1924 contra a carestia da vida, com um caracter acentuadamente politico, conseguia levar ao Parlamento mais de 100.000 manifestantes e a queda do governo José Domingues dos Santos arrastou até Belem, deixado de chuva, mais de 50.000 protestantes, quasi todos operarios que abandonaram as oficinas com prejuizo directo da sua economia.

Nós estamos patentando factos de todos conhecidos porque: toses desta

natureza só podem ter valor pela verificação dos factos.

Citaremos ainda um facto novo. Quando começamos a trabalhar na organização da lista do *Bloco operario* e compomos, para o proximo acto eleitoral, estavamos convencidos de sebaratar com obstaculos formidaveis dadas as tradições anti-parlamentaristas do operariado.

Pois succedeo o contrario; encontramos nos outros mais entusiasmo pela luta eleitoral do que aquele que nós tinhamos inicialmente. Objecções de ordem teorica não surgiram nenhuma. Tivemos de concluir, em face desta experiencia, que o terreno estava sufficientemente maduro para levar-mos o proletariado, ou, pelo menos, a sua maior e melhor, parte para a luta politica, o que de modo algum quero dizer para a acção partidaria.

Mas tudo isto serviu tambem a demonstrar-nos a falta de ambiente para a acção sindical, um interesse, perigosamente exclusivista, pela luta politica. Está bem, muito bem até, que entremos a fundo na campanha eleitoral mas é preciso ver que a luta politica não é tudo.

É preciso, pois, que os militantes, os melhores, pelo menos, se não deixem embriagar por esta ilusão, tanto mais quanto é certo que o objectivo da luta politica não é ainda conhecido nas massas operarias e até mesmo numa boa parte dos seus dirigentes.

Estabelecer o paralelismo da luta politica e sindical, e até cooperativista, é uma realização indispensavel a quem pretenda lançar a revolução proletaria. Se a acção parlamentarista dos delegados do *Bloco operario* e campones, puder crear um movimento da rua que interesse os sindicatos e os desperde da apatia em que vegetam, bem está. Senão, não. E a fracção parlamentar não terá servido para outra coisa senão para desfazer novas esperanças.

Estamos plenamente seguros de que não sucederá assim, mas é bom preparar-mo-nos desde já para contrariarmos o abandono do movimento sindical. É que nós não somos um povo de meios termos.

Até aqui tem sido só a luta sindical a interessar-nos; amanhã será a luta politica. É preciso aliar e combinar as duas lutas.

E é este o problema serio a enfrentar.

Juventudes Comunistas

Comissão reconstitutiva

Encontram-se já reconstituída, sobre a base de industria, as J. C. de Lisboa; estando de presentemente esta comissão evitando os seus esforços para a reconstituição e organização de novos núcleos na provincia.

Esta comissão comecou tambem que, merecendo os seus esforços a sua vontade foi formada a editar a Conferencia para o proximo mês de Maio.

—São enviados todos os camaradas que tem promovido a venda de *O Comunista* e que ainda não liquidaram contas a virem à sede, rua Caetano Falha, 18, 1.º, Dir. a primeira segunda ou terça-feira.

Secção mixta (central)

Reuniu em assembleia constitutiva em 14 do corrente tendo nomeado a sua comissão Executiva.

Secção dos Empregados no Comercio

Nomeou para componentes da respectiva Comissão Executiva, os camaradas Augusto da Costa Pezinhão, Manuel Rodrigues e José Martins.

Secção dos Maritimos

Foi nomeado para a comissão executiva desta secção o camarada Paulo da Silva.

Aos Jovens Comunistas do Porto

Dois meses não já decorridos após o inicio da reorganização das Juventudes sem que até hoje os jovens comunistas dessa cidade tenham dado sinal de si.

—Estricteos-nos devras esse facto tanto mais quanto até mesmo em localidades onde nunca existiram J. C. já se vão notando manifestações de actividade enquanto que no Porto e de resto um rasgo de numero de jovens comunistas. A sua organização e por consequencia capazes de fazer um bom trabalho, continua a não existir sombra, sequer de J. C.

A comissão reconstitutiva de neste momento se vos dirige julga desmesurado involucrar os camaradas e interesses da organização comunistas. A sua para que não deixem de participar no periodo de franca actividade em que as J. C. vão entrar.

Que este apelo seja sentido e que os esforços da mocidade comunista do Porto se juntem em breve aos da Lisboa; que a nossa comissão de ideias e de espíritos nos ajudemos, juntos a dar corpo e vida à organização das Juventudes Comunistas não os votos da

Comissão Reconstitutiva

Não ha revolução que triunfe sem o favor da simpatia popular. Em Portugal tem sido sempre assim. Em Janeiro de 1919, os monarchicos tiveram no Monsanto a quasi totalidade das forças militares e foram vencidos.

Agora a reacção fascista concentrou no Parque Eduardo VII, as forças mais eficientes da guarnição de Lisboa. E a sua tentativa foi esmagada. Nós todos, os elementos avançados, levantando a rua, creamos aos invirtos uma atmosfera de depressivo moral que tornava a sua derrota inevitável ao mesmo tempo que dávamos aos soldados que se combatiam e estímulo e a coragem para levarem a acção até ao fim. É isto mesmo que o reconhece a imprensa. Se não tomámos as armas em mãos nem por isso é menor o nosso quinhão na victoria.

Do Diário da Tarde:

O governo não... mitira que os civis tomassem parte... no ataque às práticas revoltosas, para evitar que se praticassem violencias contra os vencidos. Entretanto, a alma popular viveu intensamente, as horas de luta e os soldados que se bateram em volta do Parque Eduardo VII tiveram sempre a encorajação dos grupos de civis — homens do Povo, pobres e simples, que jogavam nas contendas senhas de longa vida.

E, quando no alto da Rotunda a bandeira da paz se ergueu, vieram das esquinas das ruas milhares de homens doidos de alegria, possessos dum entusiasmo que tocou as rasas do delirio. De todos os peitos, num óbro apoteosico e eloquente, os gritos de «Viva a Liberdade» e de «Viva a Republica!» irromperam, frementes. *Belo Redondo.*

Do jornal A Tarde:

Ninguém deixou de constatar, durante a insurreicção, a sua falta de ambiente. Não ha duvida que entré os factores da derrota dos revolucionarios ha que contar esse como um dos mais importantes.

Uma revolução em que o povo não interveio, que não conta com o aplauso publico, que não tem ambiente popular, não vence.

De A Capital:

Os proprios revolucionarios e confessem: não tinham ambiente para a sua obra, não encontraram: nenhum eco na opinião publica. Pelo contrario: e que estava iminente foi uma corrida geral da população à Rotunda, para expulsar os conservadores e os reacionarios que lá se encontravam, como ha 6 anos a mesma população escolou a colina de Monsanto para de lá expulsar os monarchicos que ali se haviam atrevido a arvorar a bandeira da realza.

Do U Mundo:

A insubordinação militar correspondeu uma resistencia militar que dela triunfou. Mas o maior elemento de triunfo para as forças lentas foi o povo — o povo que desde a primeira hora marcou a sua repulsa pelo movimento, que o asfixiou, mais ainda, que desde a primeira hora se dispôs a lutar até à ultima extremidade contra as forças da ditadura, o povo que, ao lado das tropas feitas em sózinho, se as tropas ficis desorganizadas fossem vencidas, não desconsariam um momento emquanto a liberdade não ficasse triunfante!

AVISO

Não se esquecerem os filiados abaixo mencionados de que devem liquidar as suas cotas, na sede social, até ao fim do corrente mês, sob pena de exclusão, como determina o n.º 5 do art. 8.º do Estatuto partidario!

Adriano Mala, Augusto Gonçalves Rodrigues, Francisco Alves dos Santos, Custodio da Silva, Joaquim Neto, José Augusto da Silva, João Bispo, Paulo, Antonio Abrantes Mendes, Roberto Ferreira, Aguiar Ferreira, José Francisco de Almeida, José Filipe Pereira, Julio Pereira, Firmino dos Prazeres, José Augusto Mendes, Alberto Ferreira dos Santos, Antonio Luis, José Augusto dos Reis, Joaquim Antonio Baptista, Carlos Martins, José de Sousa Neto, Francisco Antonio Marques, Vitor Garcia, José Martin Pinto Junior, Gustavo Henrique, Joaquim Moreira, Acaciaris Ferreira, Bocha, Florindo Pereira Albuquerque, João Gomes, Manuel Beltrão Durão, Daniel de Jesus Gurgel, Alvaro Ferreira, Marcos, Eduardo Carvalho, Manuel Antonio Andrade, Antonio dos Reis Viegas, Celestino Afonso dos Santos, Manoel Augusto da Silva Pinto, José Rodrigues da Silva, João Lúcio Barboza, José Rodrigues Durão, Bernardino de Faria, Antonio Gonçalves Costa, Manuel Antonio Figueira, Carlos Marques, Filipe Lisboa e Bast da Silva.